


**Moda e Luzes: considerações sobre o  
pensamento de Lipovetsky**

**Fashion and Enlightenment: on  
Lipovetsky's thought**

 10.21680/1983-2109.2024v31n66ID35968

**Augusto Bach**

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

augUstobach@yahoo.com

**Resumo:** o artigo objetiva esclarecer o desenvolvimento do fenômeno moda desde seu surgimento na civilização ocidental até seu atual desdobramento. De acordo com o pensador Gilles Lipovetsky, nós seguimos os caminhos descritos em sua obra *O Império do Efêmero* para estudar a relação entre moda e o progressivo esclarecimento de mentes e comportamentos das pessoas. Será a moda o verdadeiro agente da civilização ou ela ainda continua a ser mais um componente de alienação? Ela realmente está contribuindo para o progresso das Luzes? De acordo com sua

genealogia, verificamos também que ela pode ser encarada como agente da liberdade e autonomia individual, antes de ser vista como um fenômeno de alienação cultural. Superficialidade estimula tolerância entre diferentes grupos sociais, afirma Lipovetsky. Para analisar o papel da moda na suavização dos costumes, ele abandona a análise clássica em favor de uma pesquisa no simbolismo cotidiano e da criação do desejo efêmero. Concluiremos que, no longo prazo, ela termina por contribuir para o esclarecimento civilizacional.

**Palavras-chave:** história, filosofia, moda, Lipovetsky.

**Abstract:** the article aims to highlight the development of fashion since its beginning in the Western Civilization to its actual manifestations in our time. Accordingly to the argumentation of the philosopher Gilles Lipovetsky, we follow the path described above all in his work *O Império do Efêmero* to study the relationship between fashion and the progressive way of enlightenment of mind and behaviour of people. Shall be fashion a real agente of civilization or she still continues to be only another element of alienation? Does it really contributes to enlightenment? According to the his research, we also note that fashion may be seen as an actor of man's freedom prior to be considered as a fact resulting from cultural alienation. Superficiality fosters tolerance among different groups within a society, claims Lipovetsky. To analyze fashion's role in smoothing over social conflict, he abandons class analysis in favor of an inquiry into the symbolism of everyday life and the creation of ephemeral desire. We shall conclude that in the long term she contributes for the civilization's enlightenment.

**Keywords:** history, philosophy, fashion, Lipovetsky.

## 1. Introdução

Consta nos autos da história que durante a fuga da Família Real Portuguesa e a transferência de toda sua corte para o Brasil em fins de 1807, na iminência de invasão das tropas napoleônicas lideradas pelo Marechal Junot sob o contexto do Bloqueio Continental, a rainha Dona

Maria I, a Louca, teria declarado uma das afirmações mais sóbrias em termos de moda contemporânea e defesa dos interesses da dinastia dos Bragança: “Parem, parem. Não corram tanto. Vão pensar que estamos fugindo!”. Poucos meses depois, na chegada a Salvador em 1808 com a realização de um antigo projeto de império luso-brasileiro que remonta ao Conde de Linhares, foi a vez de sua nora, a princesa Carlota Joaquina, que, devido a uma infestação de piolhos nas naus que transportavam a esquadra lusitana, teve de improvisar na cabeça um lenço para esconder de seus súditos que a aguardavam no porto os cabelos raspados. Não por ironia da história, no dia seguinte lá estavam todas as mulheres da melhor sociedade baiana a imitar o comportamento da princesa com o mesmo torço na cabeça. Fenômeno passível de explicação pelas leis da imitação quando o presente se impõe como o eixo temporal que rege a face superficial mas prestigiosa das elites? Mimetismo de comportamentos que se propagava nos séculos aristocráticos de cima para baixo, como já o formulava Gabriel de Tarde? Signo da pretensão social das mulheres a títulos nobiliárquicos na nova distribuição do poder com a transferência da corte ao Brasil? Parece-nos que não. Muito embora fosse sedutora uma resposta afirmativa a essas questões, permanece aberto em nossa cultura o problema da formação de uma identidade tão transitória quanto são os valores simbólicos ligados ao presente. Sem contar o fato de a especificidade brasileira teimar em resistir a ideias e representações oriundas do estrangeiro toda vez que tentamos dar a elas seu lugar universal de compreensão do nosso comportamento, como nos adverte o crítico literário Roberto Schwarz acerca da adoção imprópria e ornamental de conceitos que diminuem nossas chances de reflexão. Ora, em tempos modernos, identidades não são fenômenos atemporais e muito menos essenciais. Do contrário, elas representam respostas dinâmicas, políticas e flexíveis, uma vez que reagem e negociam diante

de diversas situações. Talvez por isso mesmo, seria galgaz demais fazer das baianas e de suas peculiaridades apenas uma imitação fugaz do estrangeiro. Tampouco se trataria para elas de um súbito impulso para se enfeitar ou de um desejo passageiro de moda, e, sim, de uma tradição fortuita criada a partir de signos estéticos resultantes da mais ínfima contingência a ocorrer durante o traslado atlântico: uma infestação. É fato registrar também que tal anedótica variação na aparência não procedeu de uma lógica estética autônoma ou traduziu um imperativo regular de renovação próprio à moda ligado ao gosto das novidades. Ela simplesmente respondeu a influências ocasionais, adotando um modelo estrangeiro erigido em normas estáveis entre nós; enquanto a moda, como tal, possui uma lógica própria exigindo constância no ritmo de mudanças de aparência que nada deve a influxos exteriores como a imposição de modelos estrangeiros. Em outras palavras, o que teria acontecido nesse episódio foi tão somente a substituição de uma norma estética duradoura por outra, típica de parcelas de sociedades tradicionais em nosso país, sem que alterações subsequentes tenham sido consideradas ou desejadas a partir desse evento singular. Pois não podemos falar de moda em sociedades em que predomina o valor à permanência, fato que impossibilita a formação de um gosto pela mudança, bem como a afirmação do tempo presente e da ação do homem sobre o mundo. E até hoje é possível entre nós brasileiros cantar com Dorival Caymmi “*O Que É Que A Baiana Tem?*”, assim como observá-las vestidas todas de lenço na cabeça durante desfiles de carnaval mais de dois séculos depois. Exemplo de variação na aparência que não escapa às regras fixadas pela tradição antepassada e de influências externas episódicas que despertam estilos que tendem a estabilizar-se em comportamento padrão. De qualquer modo, voltando a Dona Maria e sua nora, tamanha preocupação com o domínio do parecer por parte de uma realeza absolutista em resguardar

sua posição hierárquica, ainda que em seus estertores, talvez possa nos contar algo sobre a formação de nossas identidades, acerca da dependência de um olhar alheio e instável que mede nosso valor e a expectativa que nutrimos em relação a ele. Inquietação com a própria imagem narcísica de iniciativa e espontaneidade oriundas daqueles justamente que *a priori* estariam fora das questões de distinção social. No caso específico de Carlota Joaquina, sabe-se que seus desígnios espanhóis de reconstituição de um Império bourbônico sobre os territórios do Rio da Prata foram a pique junto com piolhos e cabelos. No que tange a Dona Maria I, seus restos mortais foram trasladados a Lisboa e sepultados na Basílica de Estrela. Diferentemente das baianas, porém, ambas foram reféns da mesma lógica do efêmero com que tanto se ocuparam politicamente durante suas vidas, o olhar sempre instável do Outro desde o início da modernidade.

### **1.1 Das sociedades estáveis às relações frívolas**

“Hey, mãe! Eu tenho uma guitarra elétrica.  
Durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter.

Mas, hey, mãe! Alguma coisa ficou pra trás.  
Antigamente eu sabia exatamente O que fazer...”

Ora, posto que venha a ser uma das manifestações mais influentes na civilização ocidental desde o fim dos tempos medievais até nossos dias, poucos pensadores têm se ocupado de uma reflexão sobre o fenômeno moda em nossa cultura. Mormente ignorada pelos filósofos como tema de menor importância, sua compreensão poderia contribuir, entrevemos, para o esclarecimento de nós mesmos e de nosso comportamento. Quando feita objeto de análises e abstrações, ela corriqueiramente foi relegada ao domínio do frívolo e da produção de alienações no campo da cultura; colocada em

paridade com a bestialização das pessoas e como mais um entretenimento da mídia de massas. Com efeito, sempre fora um costume do pensamento filosófico encarar com desconfiança o distanciamento dos homens de suas tradições e seu desapego a valores históricos consagrados. A tarefa de domesticar e educar o homem através das belas artes e dos bons ofícios, das disciplinas como meio de formação de uma humanidade cosmopolita; aberta em todas as direções da imaginação, com a consciência histórica e crítica da tradição cultural; constituiu missão do pensamento filosófico-legislador até o aparecimento da sociedade de massas, na qual a *paidea* humana foi substituída pelo estabelecimento de uma cultura mass-midiática comandada pela lei da renovação acelerada. E da mesma forma em que nas sociedades antigas meios de comunicação tradicional como a escrita parecem ter perdido a batalha em sua função humanizadora perante meios comunitários mais bestializadores, como as guerras e os espetáculos das arenas, é comum encontrarmos até hoje a repetição do lamento intelectual contra a moda e sua cretinização midiática, a superficialidade de seu consumo e a infantilização do espírito das massas.

Mas afinal o que teria ocorrido em nossa história para que os homens se desencantassem com o mundo, com seu passado e este deixado de iluminar o futuro? De onde teria surgido o culto estético do novo pelo novo e dele aparecido o fenômeno da moda? Como a ordem imóvel da tradição se viu destituída em prol da espiral interminável de uma imaginação sem qualquer compromisso com a verdade factual comungada cosmologicamente por todos? Este artigo pretende tratar dessas e de outras questões partindo das análises arqueológicas do filósofo francês Gilles Lipovetsky em seus livros *A Era do Vazio* e *O Império do Efêmero*, publicados respectivamente em 1983 e 1987. Pois ao contrário das abordagens tradicionais que frequentemente enxergaram no reino da sedução a barbárie, o aniquilamento da cultura e o

embrutecimento generalizado, sua postura iluminista e genealógica lhe permite atribuir um papel ao fenômeno moda que não conduz à derrocada do cidadão livre e responsável, mas ao próprio avanço das Luzes no lento e subterrâneo trabalho da democratização das aparências. Se a condenação dos valores do presente sempre fez par com a crítica filosófica, se o tema candente do humanismo sempre foi o desembrutecimento do ser humano, sabe-se que é a partir da modernidade que passamos a acreditar em projetos de futuro, lugar privilegiado da felicidade comum em porvir e fim dos sofrimentos da humanidade. E que depois da crítica de Heidegger ao otimismo ingênuo que caracterizava diferentes humanismos e o cientificismo técnico dos séculos XIX e XX, chegamos à tendência de pensar que o presente se tornou a referência essencial dos indivíduos nas democracias de massa, tendo o passado e o futuro sido desacreditados como referências transcendentais.

*Ipsa facto*, ao prestigiar a renovação e a inconstância das aparências, a moda tornou possível uma desqualificação do antigo bem como um enaltecimento do novo, a descontração das atitudes diante dos rituais solenes do passado, gosto pela intimidade subjetiva e psicologização de si, impulsionados pela cultura de massas e por sua extensão ao conjunto do corpo social. Ela só pôde encontrar seu lugar de direito no destino das sociedades ocidentais mediante o lento trabalho subterrâneo das aspirações democráticas, estando necessariamente excluída das eras antigas pelo fato de estas estarem submetidas a normas inalteradas no decurso de gerações. Pois de acordo com a leitura de Lipovetsky, em tais sociedades estáveis era impossível aos indivíduos reconhecerem-se como atores dotados de autonomia em seu próprio universo social enquanto não estivessem libertos das estruturas coletivas de socialização. Nelas, o relacionamento entre os homens era mais importante e amplamente valorizado do que o relacionamento entre os homens e as

coisas. Estava longe o tempo de um domínio técnico e racional da natureza, conjugado às loucuras lúdicas da moda, em que o homem investe por meio do vestuário seu poder de iniciativa sobre o parecer. O que quer dizer, em outras palavras, que a moda em vestuário implica contrariamente tratarmos com a materialidade da roupa, expressando a legitimidade da ação dos homens sobre seu meio terrestre, fato ausente nas sociedades tradicionais. Pois a ordem social antiga na qual os seres humanos achavam-se integrados repousava sobre um fundamento sagrado e, como tal, livre de suas ações espontâneas e iniciadoras do novo; significando de fato a subordinação do interesse pessoal ao do grupo e a impossibilidade de interromper a corrente de alianças entre gerações. Assim, em sociedades holistas, tratava-se invariavelmente de garantir a subordinação do agente individual perante o conjunto coletivo das regras sociais, proibindo-se o aparecimento de uma instância separada arrogando-se o direito de introduzir a mudança histórica.

A prioridade do todo social sobre as vontades particulares era majoritariamente garantida pela dívida de sentido que ligava os vivos do presente aos mortos de gerações anteriores: um meio de reproduzir uma ordem social imutável pautada na atrocidade e na força bruta contra aqueles que violassem a heteronomia de suas regras. De tal monta, enquanto em sociedades tradicionais os homens não podiam se conceber separadamente uns dos outros, qualquer signo de divisão ou conflito só podia aparecer na relação ubíqua que mantinham de homem para homem. Assim, tudo aquilo que de funesto pudesse aparecer à imaginação de alguém deveria ser necessariamente produto da ação de outrem sobre sua pessoa. Tamanha lógica de desafio constante que estruturava a relação entre os homens e socializava grupos de indivíduos não podia senão colocá-los em conflito antagonista; emblemático do *ethos* guerreiro da cavalaria e do imperativo de não passar vergonha diante do olhar dos outros; mas



jamais em relação frívola. Seja a partir da ofensa à autoridade masculina ou mediante o duelo redentor de sua honra, nada de indiferença no encontro de homens com homens ou de consideração individual independente perante o Outro fundador, e, sim, muito de crueldade e violência como meio de reprodução de uma ordem social indivisa, inalterável e sem falhas. Por afastado que se achava do código pacífico da respeitabilidade e do anonimato do outro que não merece o risco da violência, o homem estável se engajava em querelas e rixas em defesa da identidade recebida de valores ancestrais.

## **1.2 O Processo de individualização e a Era do Vazio**

O principal fator de corrosão da estabilidade política das sociedades tradicionais teria sido comandado pelo processo de individualização que atravessa a cultura ocidental desde os primeiros sinais de esgotamento da tradição que informava os direitos de legitimidade nos tempos antigos. Com a derrocada da tradição imemorial e de seus valores, perdemos também o fio de Ariadne que nos guiava com segurança nos vastos labirintos do passado; e esse fio exercera por sua vez o papel de cadeia que aguilhoava cada sucessiva geração a um aspecto determinado do passado, viabilizando o respeito e o primado da coletividade sobre o indivíduo: a produção continuada de significados remetentes a uma mesma corrente de sentidos. Por meio da gradativa limitação da lógica política que socializava pelo dispositivo da violência e da entrada das sociedades na ordem individualista, é o *status* supremo das guerras e dos espetáculos das arenas que se vê contestado em nome de novos valores culturais assumidos pela civilização ocidental. De cerimonial sagrado que se constituía entre os romanos desde a expulsão dos etruscos da planície do Lácio, os espetáculos sangrentos dos coliseus passaram a ser vistos

como demonstração ostentatória de força bestializadora, divertimento público.<sup>1</sup>

Devido ao aparecimento de uma sociedade na qual o indivíduo se considera a finalidade última e não existe senão para si mesmo, a humanização dos costumes se torna refratária à hegemonia de um poder total herdado dos antigos. Diluindo as grandes figuras da alteridade do passado coletivo, de um Outro indiviso e fundador, o processo de personalização corroe os grandes exemplos tributários de uma era pesada cuja autoridade distante abafava atitudes espontâneas e singulares. Daí a conseqüente atomização característica do indivíduo no mundo moderno – bem como de ausência de unidade de significação comungada politicamente – e o aparecimento de uma sociedade em que o outro se torna aos poucos um desconhecido, um estranho à sua verdade íntima. Pois sem a âncora da tradição, toda uma dimensão temporal foi dissolvida com o advento do reino social da igualdade: o esquecimento da profundidade e grandeza da existência humana outrora existentes, em nome da afirmação e do culto à vida particular que suplantam as prescrições holistas de ontem. O primado da ordem coletiva simplesmente impedia que atribuíssemos à vida e ao sofrimento pessoal o valor e o poder que hoje costumamos conferir a ela. A ausência de compaixão pelo inimigo não era,

---

<sup>1</sup> Quando aludimos à alergia em relação à violência das arenas de Roma, é ao processo moderno de individualização que estamos a nos referir; raiz do sentimento de comoção com o Outro próprio a regimes da igualdade. Registre-se também que os espetáculos sangrentos das arenas, herdados pelos romanos dos etruscos como um cerimonial fúnebre em respeito aos antepassados, passaram a ser contestados desde já pela tradição humanista de Cícero nos estertores da República. Assim, o humanismo domesticador antigo se encontrava sempre presente com as forças embrutecedoras contra as quais deveria lutar. O estoicismo romano protagonizará o prolongamento desse conflito de relação entre forças em que o passado coletivo conserva seu papel e gravidade, sem se desprender de seu prestígio, contrariamente ao individualismo moderno.

pois, proveniente da ausência de repressão social de forças pulsionais; mas efeito positivo da ação de uma sociedade em que o elemento particular não detinha existência autônoma reconhecida. Pelo mesmo processo, o código de honra sofreu uma mudança fundamental: a partir do momento em que o ser individual define sua identidade cada vez mais em relação às coisas, quando a busca de ostentação por dinheiro e gasto suntuário, quando a paixão pelo bem-estar implica *status* e prestígio social, seu ponto de desonra se suaviza e a vida se torna valor supremo enfraquecendo o ditame de não passar vergonha ou levar desaforo para casa. É o código pacífico de respeitabilidade e indiferença que começa a aparecer no lugar do julgamento do Outro.

Seguindo a lógica argumentativa da filosofia culturalista de Lipovetsky, para que uma mudança revolucionária se tornasse possibilidade histórica, isto é, para que pudesse ser causada pelos homens, foi necessário não apenas que estes se tornassem atomizados, desvinculados dos laços feudais de homem para homem; mas que suas relações com as coisas prevalecessem sobre a relação entre os seres humanos, tornando assim inelutável no longo prazo o declínio da violência e das forças bestializadoras no processo de civilização e abrandamento dos costumes. Com o abalo profundo da relação com o Outro suscitado pela revolução individualista e o novo relacionamento entre seres humanos, o banimento progressivo de práticas corriqueiras de crueldade seguiu *pari passu* com a instituição de um novo estilo de vida e a destruição do culto aos heróis. Enfim, fora preciso uma ideologia do indivíduo que lhe atribuísse um *status* de liberdade e de igualdade, interpretado por Lipovetsky sob a ótica de uma nova socialização, bem como também a ideologia hedonista do prazer, igualmente característica da era individualista, para que a violência deixasse de ser um comportamento dotado de sentido, articulada que estava com o todo social. Da função vingativa e de arrumação do cosmo e

da vida coletiva que possuía a violência em benefício da negação da historicidade, na qual os vivos detinham a obrigação de solidariedade com os mortos, passa-se a uma nova economia na relação entre os indivíduos em que estes são considerados como fins em si, e não como meios da realização de um fim transcendente. O processo de civilização e o desembrutecimento dos costumes não devem ser compreendidos, portanto, como efeito de uma repressão ou adaptação das forças pulsionais ao estado de paz civil. Nova lógica social, novo confronto repleto de um significado radicalmente inédito na história, e logo novo significado da violência, descritos sob a ótica mais esclarecida da valorização estética da iniciativa humana a partir da qual as questões “energéticas” do pensamento nietzschiano, bestializadoras e domesticadoras, encontrar-se-iam desveladas. No momento em que a relação entre os homens se abre às suas ações e a projetos revolucionários de futuro, são os próprios fundamentos da sociedade que se tornam alvo de debates e lutas. Apropriando-se, como de costume, das análises da antropossociologia transcendental de Marcel Gauchet, Lipovetsky afirma:

A revolução e a luta de classes supõem o universo social e ideológico do individualismo; a partir daí, não há mais organização em si exterior à vontade dos homens, o todo coletivo com sua supremacia, que antes impedia a violência de abalar sua ordem, perde seu princípio de inteligibilidade e mais nada, nem mesmo o Estado e a sociedade, escapa à ação transformadora dos homens. Uma vez que o indivíduo não é mais o meio de uma finalidade exterior, mas, sim, é considerado, e se considera, como finalidade última, as instituições perdem sua aura sagrada, tudo aquilo que procede de uma transcendência inviolável e se revela em uma heteronímia de natureza, encontra-se, em um prazo maior ou menor, minado por uma ordem social e ideológica cujo centro não é mais o além, mas o próprio indivíduo autônomo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> (Lipovetsky, G. *A Era do Vazio* p. 184).

De acordo com Lipovetsky, se comparada com a situação atual, essa primeira fase da revolução individualista – ligada à ideológica luta de classes – permaneceria ainda atada às sociedades tradicionais, uma vez que o papel das ideologias passou a substituir a instância religiosa ao conservar seu caráter absoluto e passional. *Ipsa facto*, existe uma considerável diferença entre os primeiros estágios da sociedade e a sociedade de massas no que tange a situação do indivíduo. Enquanto a sociedade se restringia a determinados estratos da população, sem ter incorporado ainda as massas ao seu movimento de integração, era sempre possível ao indivíduo apelar para outras camadas da sociedade em que certos traços do gênero humano antigo não haviam se extinguido. Tal era de revolução e lutas sociais sangrentas, em que o interesse coletivo ainda vinha antes dos interesses particulares, teria sido seguida por uma segunda fase individualista, causada pelo processo de personalização, cuja consequência fora uma desafeição em massa pelos conteúdos ideológicos pesados e grandes finalidades sociais, bem como a adesão a valores subjetivos e atenção concedida ao presente. Grande parcela do desespero dos indivíduos modernos submetidos à lei da renovação acelerada, que governa a sociedade de massas, se deve ao fato de essas vias de escape revolucionárias estarem hoje fechadas. Pois bem, a tese de Lipovetsky poderia ser subsumida como a afirmação moderna da galáxia destes valores democráticos onde as grandes estruturas socializantes perdem a autoridade e o âmbito social passa a não ser mais do que um prolongamento do espaço privado de cada indivíduo. Adentramos assim na era do vazio e deserção dos homens da esfera pública na qual investimentos em grandes projetos mobilizadores do futuro da *res publica* não encontram mais guarida. Enquanto a cultura antiga estabelecia como objetivo a *Paidéia* humana, a elevação do espírito e do gênero humano para moldá-lo da forma mais correta, a cultura presenteísta de massas dá suas costas a esse

ideal de aprimoramento verticalizado em nome do hedonismo e do entretenimento horizontal generalizado. Sob as condições modernas, os objetos culturais cujas excelências eram medidas pela capacidade de suportar o processo de consumo efêmero e a obsolescência, tornando-se permanentes no mundo, perderam gradativamente a faculdade de prender nossa atenção e de nos comover à medida que os padrões pelos quais devem ser julgados não são mais retirados do passado e da tradição, mas da novidade instantânea e do ineditismo. Esvaziando a distinção e a respeitabilidade dos signos de uma era anterior, destronando-se a ordem das prerrogativas e desigualdades hierárquicas em benefício do ideal inflacionário de liberdade individual, os objetos sagrados e profanos da cultura clássica foram revertidos para dentro de um movimento cíclico do inédito pelo inédito, em que os signos se acham desconectados de seu significado numa lógica expurgada de todo o significado cultural.

Valores do modernismo tais como o progresso, o crescimento, o cosmopolitismo e todos os esforços conjuntos para retirar o ser humano da barbárie esgotaram-se em prol de uma personalização e liberação do espaço privado que os absorve em torno de sua órbita: ponto culminante da individualização dos seres, da retração da vida pública e do desinteresse pelo Outro. Doravante, na inflação da esfera da intimidade e seu descompromisso com a ideia de bem público, dada a precedência dos afetos e da comoção emocional sobre a rigorosa impessoalidade dos princípios republicanos, será difícil achar nessa Terra, para falar com o frei Vicente de Salvador, alguém que seja republico, que zele pelo mundo ou trate do bem comum; “senão cada um do bem particular”.<sup>3</sup> Dispersando cada vez mais os indivíduos pela lógica que

---

<sup>3</sup> Já nos idos de 1630 o frei Vicente de salvador escrevia sobre as bandas das terras brasileiras: “Nenhum homem nessa terra é republico, nem zela, ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular.”

mantêm com os objetos e as coisas da mídia, fazendo-os desertar dos espaços públicos em prol da existência consumista, o processo de personalização é um agente de pacificação generalizada que foi minando com suavidade as normas de uma sociedade viril tributária das eras holistas. Com a redução do relacionamento humano acompanhado de investimento individualista, assiste-se à dissolução da autoridade, último sustentáculo da violência nas sociedades antigas, que permitirá o surgimento da moda. Agencia-se, da mesma forma, um tipo de personalidade humana cada vez mais frágil e vulnerável, flutuante, sem estrutura nem vontade, menos capaz de enfrentar a prova do real. À proporção que os pontos de referência social se diluem e os signos se afrouxam, a fim de livrá-los de toda a gravidade, o real se esvazia de sua substância pesada e se identifica a um espetáculo programado. Fustigados pela dessubstancialização narcísica, é a imagem de um tempo sem futuro em que impera o “tudo e agora” que se apresenta como prova às novas gerações, despreparadas para o amanhã como estão dentro da cova dos leões. O fenômeno moda, em outras palavras, aparece simultaneamente à medida da afirmação do indivíduo e da falência das grandes ideologias coletivas em que a construção do futuro tende a ser sacrificada às satisfações e categorias do presente. Daí também a busca desesperada de cada um por uma forma de identificação para a qual a moda e seus jogos de frivolidade, na sociedade democrática de massas, serão os parceiros “perfeitos”.

Para que possamos, todavia, realizar uma análise mais depurada de suas análises, necessário se faz esboçar o itinerário de sua argumentação histórica sobre a formação da moda nas sociedades ocidentais, com o fito de operarmos uma arqueologia de seu próprio pensamento. As páginas seguintes têm o objetivo de retratar sua abordagem da história da moda para compreender como ela veio a remodelar a sociedade inteira à sua imagem. Isto corresponde a dizer que elementos que estavam implicados potencialmente desde seu início, o

*elan* do novo e a expressão da individualidade, realizaram-se plenamente na atualidade por estarem contidos de forma potencial desde seu aparecimento no Ocidente. Senão vejamos...

## 2.0 A Genealogia da Moda

“... As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude são heranças. São motivos pras mudanças de atitude.

Os discos, as danças, os riscos da juventude. A cara limpa, a roupa suja esperando que o tempo mude...

Nessa terra de gigantes. Que trocam vidas por diamantes. A juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes...”

Seguindo a proposição de Sébastien Charles em *Os Tempos Hipermodernos*, para realizar uma arqueologia da moda e alcançar um diagnóstico de nossa situação presente, Lipovetsky seguiu um método empirista e não dedutivo, procurando partir dos dados factuais e de seu estudo num tempo longo que lhe permitisse fazê-los falar e dar-lhes sentido numa continuidade histórica. Ele teria se feito “antes de tudo discípulo de Tocqueville, o primeiro que soube diagnosticar o surgimento de indivíduos preocupados com a respectiva felicidade pessoal, de ambições limitadas, e se dedicou a assinalar os numerosos paradoxos que a democracia americana lhe possibilitava julgar *in loco*”<sup>4</sup> Mas se depois de finda a era de diferença entre classes, Tocqueville podia

---

<sup>4</sup> (Charles, Sébastien, in *Os Tempos Hipermodernos* p.15, (Cf. Lipovetsky, 2004)).



encerrar seu clássico *A Democracia na América* com o desespero típico da aristocracia diante do movimento de entrada dos homens na era da igualdade dos costumes com suas irrefreáveis ambições – preocupado que estava com a manutenção das liberdades públicas e privadas quando a evolução democrática conduz ao poder do maior número – Lipovetsky não enxerga maiores perigos de erradicação da liberdade individual e na tendência dos homens para seguirem sem exame a opinião da maioria. Inscrevendo a moda aberta num tempo de longa duração, ele começará suas análises partindo do fim do período medieval, em que desde lá a mudança se tornava regra permanente dos prazeres da alta sociedade, atravessando o que chama de *moda de cem anos* entre 1850 e 1950, um modelo de industrialização do vestuário marcado pela confecção industrial e pela Alta Costura, até chegar ao potencial democrático da moda consumada nas sociedades contemporâneas sob a égide do *prêt-à-porter*.

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem, era periférica, agora é hegemônica. [...] Assim, a moda está nos comandos de nossas sociedades; a sedução e o efêmero tornaram-se [...] os principais organizadores da vida coletiva moderna; vivemos em sociedades de dominante frívola, último elo da plurissecular aventura capitalista-democrática-individualista. [...] É preciso reconhecer aí o signo da decadência do ideal democrático? Nada mais banal, mais comumente difundido do que estigmatizar, não sem algumas razões, aliás, o novo regime das democracias desprovidas de grandes projetos coletivos mobilizadores...<sup>5</sup>

Partindo da crítica àqueles que fizeram dela o reflexo estético das rivalidades de classe, a superestrutura periférica que responde ao conflito estrutural das relações econômicas e

---

<sup>5</sup> (Lipovetsky, Gilles. *O Império do Efêmero* p.13).

sociais, Lipovetsky propõe uma mudança de enfoque que privilegia a dimensão política e cultural que ela implica. O fato de a moda ter servido em seus primórdios à distinção social, por intermédio do *conspicuous consumption*, não explicaria sua verdadeira natureza de expressão da importância cultural que se atribui ao novo e de manifestação da individualidade. Tal vínculo desde o início a estes valores modernos lhe permite conferir um papel de consolidação nos regimes democráticos e de fortalecimento de suas instituições. Se as enfermidades da democracia foram conhecidas e abundantemente analisadas desde Tocqueville, Lipovetsky afirma *a contrario sensu* que o caráter efêmero da moda doaria impulso para a autonomia das subjetividades e para a expressão da individualidade humana, bem como ao desenvolvimento de consciências críticas e tolerantes típicas de sociedades liberais. Enquanto Tocqueville asseverava que “nos tempos da democracia, aqueles que naturalmente não se parecem só pedem para se tornar semelhantes e se copiam”<sup>6</sup>, Lipovetsky enxerga no mesmo processo não apenas um mimetismo do Outro, mas a eclosão no mundo da moda de mudanças de atitude que testemunham a autonomização do público em relação a ideias dirigistas de tendência ou homogeneização social. Se a moda contemporânea não escapa à influência do maior número, ela ao menos permitiu ao homem se libertar das leis da imitação vertical e do desejo de ostentação social substituindo-os por um novo gosto do parecer que se acha menos alienado pelo instável olhar do Outro. Encontra-se como tema latente em suas análises a questão do desembrutecimento do ser humano conduzido pelos jogos de entretenimento da moda que permitem ao homem educar a si mesmo. O desenvolvimento de indivíduos com *ethos* e gostos flutuantes contribuiria para uma maior racionalidade social na

---

<sup>6</sup> (Tocqueville, *De La démocratie em Amérique*, Paris, Gallimard, t.II, p. 288).

medida em que a moda abrandaria a rigidez e as resistências com a flexibilização das personalidades. Para ele, seria superficial demais assimilá-la a um processo de despersonalização e padronização em detrimento da multiplicação de opiniões subjetivas, quando seu papel foi justamente o de civilizar o olho humano na discriminação das diferenças, aguçando a sensibilidade estética e o prazer nos pequenos detalhes. Pelo contrário, a humanização da sociedade e o desembrutecimento dos costumes não seriam mais do que uma das expressões do processo de dessocialização característico dos tempos modernos. Dispositivo social de gerar juízo estético, a moda favoreceu o olhar crítico dos mundanos sobre a elegância dos outros permitindo um alargamento da autonomia do gosto com o prazer de ver e ser visto, expandindo o culto estético do Eu. Assim como também as teorias imperialistas dos esquemas de luta simbólica de classes são descartadas de sua genealogia em prol dos valores e das significações culturais que dignificaram o novo e a expressão da individualidade humana, tornando possível seu aparecimento já na Idade Média tardia.

## **2.1 O Momento aristocrático**

Com o fito de esclarecer seu posicionamento arqueológico diante do fenômeno analisado, Lipovetsky escolhe primeiramente demarcar sua posição num afastamento diante das teorias sociológicas da moda. Os modelos de explicação de por que a moda apareceu tão somente no Ocidente datam do século XIX, quando o paradigma de distinção de classes aparecia como a chave de inteligibilidade da questão. De modo diferente, ao recorrer a fatores culturais que nada devem a questões sociais, Lipovetsky aponta como condição de possibilidade da moda o fim das invasões bárbaras e a estabilidade cultural que ela permitiu dentro de uma sociedade livre de influências

exógenas. A despeito de pestes e epidemias que marcaram crise durante a Idade Média, a fartura e a ausência de conflitos no final deste período foram estimulantes para os jogos desmedidos da frivolidade. Para que existisse a inconstância dos pareceres, foi preciso antes a constância cultural, a inexistência de um “contra quê” lutar; tal é o paradoxo inicial da moda que a permitirá desenvolver lógica própria livre da imposição de modelos alienígenas. Ao mesmo passo, com a evolução das técnicas de artilharia de guerra, o papel da cavalaria se torna cada vez menos determinante em seus desfechos, permitindo o surgimento de uma sociedade de corte que transforma a antiga nobreza de espada em classe espetacular: uma nobreza “togada” que se prestará mais e mais aos jogos de frivolidade e ao amor cortês como resposta ao tédio resultante da estabilidade cultural. E se, por sua vez, o amor cortês favoreceu o descrédito sobre a instituição tradicional do casamento, legitimando a escolha livre do amante pela dama e assim contribuindo para a autonomia do sentimento, ele também trabalhou na desconstrução do *ethos* viril da nobreza ao fazer da vida objeto de gozo estético e sedução amaneirada.

Aqui novamente encontramos a temática da estilização das normas de vida que caminha junto com a civilização dos costumes e dos prazeres. A promoção de um novo sentido da duração humana, paralelo ao advento da civilidade cortês, favoreceu a busca acelerada dos prazeres e o encontro com o sentido da fugacidade terrena que estará na base da afirmação da moda democrática: *Carpe Diem*. Tamanha necessidade de estetismo traduzida na aspiração a uma vida mais bela teria concorrido para o declínio dos valores herdados da norma antiga. Obedecendo a um processo de individualização, mediante a promoção do homem mundano relativamente livre em seus gostos, as modificações na estrutura do vestuário sexualizaram a aparência masculina demarcando uma diferença inédita em relação ao feminino. Por meio da

infiltração de uma nova representação social da individualidade no seio do universo aristocrático, a preciosidade do traje protagonizou a extensão de uma estratégia de sedução que pouco devia à lógica holista e militar das guerras de outrora que impediam o advento do indivíduo livre por si mesmo. Assim, o cavaleiro se fez cavalheiro à medida que a ostentação de luxo e a demonstração ostensiva dos emblemas de hierarquia tornavam-se necessidade fundamental para a nobreza europeia desde fins do século XIV, quando seu poder político de fazer a guerra e a paz encontrava-se em refluxo. Como forma de agradecer e de ser notado no luxo e nas fantasias barrocas, a sedução afastou-se da ordem imemorial e dos rituais solenes da tradição, idealizando e exacerbando a sensibilidade das aparências. Dinamizando excessos que frutificavam da estabilidade cultural, o vestuário fornece testemunho de que já nos encontramos sob a era moderna da sedução, da estética da personalidade e da sensualidade, quando a relação entre homens e mulheres já se encontra abrandada pelas regras de etiqueta e pelos artifícios que se interpõem entre os seres humanos. Porquanto a moda deva ser considerada continuação dessa poética da sedução, ela o é na medida em que suavizou os comportamentos libertando o reconhecimento social da força, do sangue, da violência e do desafio próprios às sociedades não democráticas. Enquanto as variações na aparência em sociedades antigas não procediam de uma lógica estética autônoma, e sim de influências ocasionais ou de mando que fizeram tradição (vide como exemplo a barba raspada de Alexandre que seguirá seu curso entre os gregos até o povo romano que os escolheu como autoridade e tradição, sem que nenhuma alteração no parecer masculino pudesse ter sido observada), a moda exigirá um gosto perpétuo pelas novidades que não se encontrava em sociedades com amanhã.

Tal lógica do excesso só foi possível quando se instalou em nossa civilização um sistema que consagra a iniciativa estética em oposição a um modelo de legitimidade fundado na submissão ao passado coletivo. A retomada do expediente argumentativo de separação das eras de estabilidade da era frívola, presente na *démarche* do autor desde a publicação de *A Era do Vazio* de 1983, permite-lhe dizer que, para o aparecimento em nossas sociedades do impulso pelo efêmero, fora preciso uma revolução na representação das pessoas e no sentimento de si modificadores das mentalidades tradicionais. O mero fato de o homem imerso na aparência já não ter adesão a tradições revelaria *per si* uma maneira mais salutar e menos violenta de relação com o futuro. A modernidade será definida justamente como a ruptura na ordem destes valores, bem como a moda sua expressão primeva. Ao contrário das teses clássicas da sociologia que apontavam a moda como um instrumento de obtenção de honorabilidade social, existiriam variações nas sociedades que se desprendem do prestígio do passado sem qualquer relação de consequência com as questões de cotação social. A inovação não fora concebida apenas com o fito de distinção social, mas acima de tudo estava amalgamada ao próprio gosto pelas novidades. O simples desejo humano de inventar e de se tornar senhor da própria condição humana de existência constituiriam signos da afirmação de seu poder de iniciativa estético sobre o parecer, de ousadia e conquista da maioria de espírito sobre os critérios herdados dos antepassados.

E foi no universo do vestuário justamente que a sociedade ocidental teria se desembaraçado primariamente de sua memória coletiva para constituir uma sociedade sem amanhã. Tributária do gosto cambiante dos monarcas, a moda aparecia então como um decreto estético que refletia uma inspiração particular ou um estado d'alma do rei. Aqui, no coração da aristocracia, encontramos o segundo paradoxo da moda: o direito à personalização, à autobiografia, ao

autorretrato; ou seja, típicas iniciativas de exceder em originalidade que antecipam a era democrática da moda. Se, por sua vez, as teorias sociológicas que partiam da concorrência de classes como chave de inteligibilidade da moda em nossas sociedades foram capazes de explicar sua disseminação via leis da imitação vertical e distinção horizontal, não teriam logrado elas um olhar mais amplo e horizontal que explicasse este segundo paradoxo. Pois foram justamente os maiores na hierarquia social (aqueles que, como Carlota Joaquina, se encontravam livres da concorrência e emulação) os primeiros instigadores da mudança na esfera do parecer. A questão do motor da moda reside em explicar como precisamente o alto da hierarquia pode se dedicar a minar e destruir os próprios fundamentos do altar, a ordem imóvel da tradição e sua linhagem consanguínea garantidora dos direitos soberanos, e se entregar à espiral interminável da fantasia. Desde então, o gozo pessoal tende a prevalecer sobre a glória, o atraente e o requinte dos costumes sobre a grandeza. Foi desse declínio da ideia de altivez correlato da dignificação das coisas humanas que saiu uma nova sensibilidade valorizadora de feitos até então indignos de serem levados em consideração. Se quisermos, pois, atribuir a devida interpretação ao fenômeno, é na transformação dos fatores culturais específicos da modernidade inscritos em nossa cultura desde o fim da Idade Média que poderemos encontrar o móvel das novidades: a legitimidade do inédito inscrita num processo moderno eminentemente histórico.

## **2.2 Da Alta Costura à Moda Aberta**

A escolha de uma abordagem genealógica para a delimitação do fenômeno, como visto acima, traz corolários importantes, já que de acordo com ela a moda está longe de ser uma manifestação universal variando em intensidade em diferentes sociedades ou civilizações, como foi comumente

interpretada. Somente no caso específico do Ocidente e sua valorização da individualidade mundana pode-se falar em moda. Ademais, trata-se de uma instituição com posição bem demarcada no tempo e no espaço que ocupa papel central nas democracias engajadas não em projetos de futuro, mas no caminho do consumo instantâneo e na comunicação de massa. A perspectiva adotada pelo autor se lança então em um exercício arqueológico de valores na tentativa de alcançar mais precisamente uma análise filosófica da relação do homem com o seu “aparente”. Com este móvel, Lipovetsky não tem outra escolha senão deslocar os referenciais da moda das relações sociológicas que explicam sua difusão, mas jamais a expressão da individualidade, para a questão do nascimento histórico destes valores e suas condições de possibilidade. O mesmo padrão de abordagem retorna quando se analisa a *moda de cem anos* configuradora de uma nova lógica de organização do efêmero em que podemos ver a institucionalização da revolução democrática em marcha.

De fato, entre 1850 e 1950, constata-se na Europa uma crescente difusão de moda em vestuário a outras camadas sociais antes sem acesso ao tipo de roupa fundada na solicitação do desejo e reclame feérico. Assiste-se neste período a uma atenção inédita para as questões relacionadas ao parecer que fazem a glória da gente de moda e dos grandes costureiros. Com a era da Alta Costura, estabelece-se uma orquestração da renovação em matéria de vestuário que disciplinou a moda no instante em que ela despertava um processo de inovação sem precedentes. Diagnosticando o pioneirismo de Worth em um movimento histórico mais amplo, o de racionalização burocrática de poder nas sociedades modernas, o autor observa o aparecimento de novas formas de gestão e dominação que visam a remodelar as formas de socialização e os comportamentos até em seus detalhes mais ínfimos. Reabsorvendo a alteridade das formas tradicionais do social em proveito de uma racionalidade



operatória que repousava sobre a disjunção sistemática das funções de direção-criação e execução-produção, a iniciativa de mudança deixa de ser um privilégio aristocrático e torna-se função de um aparelho burocrático especializado em sedução que inaugura uma nova lógica do poder. A afirmação neste século da sociedade burguesa também caminha junto com a amplitude social e midiática da tendência positiva de fazer da moda um objeto a ser mostrado, registrado, analisado como manifestação estética do homem. O luxo aristocrático ostensivo que marcava distâncias de classe fora atenuado mediante sua absorção em cortes de tecido mais discretos, marcando o amortecimento do *conspicuous consumption* concomitante à ascensão do imaginário democrático de igualdade de condições. Ao seu turno, Patou, Chanel e a “sensação Courrèges” faziam época com a criação de um novo ideal estético de feminilidade. O surgimento e a difusão de práticas esportivas, aliados à valorização do conforto e à expansão do corpo, são signos da afirmação da autonomia da beleza feminina em relação ao gosto masculino.<sup>7</sup>

A partir desse momento, a roupa, antes objeto de produção artesanal, passa a ser fabricada sob a forma industrial e comercializada conforme a nova técnica da publicidade que começava a desenvolver-se. Pela primeira vez o costureiro reivindica para si o *status* de artista, o ímpeto de ambição social e independência do modelista, deixando para

---

<sup>7</sup> Criação de um corpo burguês submetido à lógica das relações positivas de poder em substituição à legitimidade de sangue da classe aristocrática, poderíamos dizer com Michel Foucault e suas análises em *História da Sexualidade I (a vontade de saber)*. Mas é bem verdade, ao mesmo tempo, que o ideal estético de beleza feminina, da mulher esbelta e esguia, ganhará cada vez mais autonomia em relação ao antigo ideal de beleza feminina que se submetia a padrões de beleza ditados por referenciais masculinos. Das paredes de borracharia aos desfiles de moda (*fashion show*) o que se observa é o movimento de igualização de condições políticas entre o masculino e o feminino que desembocará na independência e afirmação estética da beleza feminina sobre os homens.

a confecção industrial a tarefa de produzir a demanda de massas a partir da multiplicação dos modelos em oferta. A pretensão artística e mesmo a arrogância da gente de moda em relação aos padrões de beleza clássicos da sociedade aristocrática liga-se a uma corrente de ambição e vaidade próprias à entrada das sociedades na era da igualdade. Com a expulsão do usuário em matéria de gosto e a manipulação de poder nas mãos de especialistas da costura, a mesma lógica burocrática da escola, do hospital ou da caserna organiza agora a moda, sob a diferença de que os costureiros legislam em nome da elegância e da sétima arte, e não em função de um saber racional positivo.<sup>8</sup> Ao invés da produção dos corpos úteis e do adestramento uniforme, a glorificação do luxo e do refinamento frívolo; o convite à iniciativa pessoal no lugar do controle injuntivo e minúcia de regulamentos. Abrindo a sedução à embriaguez da mudança e à liberdade de escolha do consumidor, a Alta Costura forneceu meios suplementares de psicologização e de invenção à identidade das mulheres em matéria de elegância. Rompendo com a ordem disciplinar tal como Foucault a analisou, cuja essência residia em nada deixar às iniciativas individuais e impor *top to down* regras padronizadas de planificação dos comportamentos, organizou-se um novo dispositivo que agencia um poder maleável que reserva um lugar maior à opção e expansão individual. Depois da geração das disciplinas imperativas,

---

<sup>8</sup> Foi com Worth que os estilistas começaram a assinar, ao modo dos artistas, suas produções inserindo nelas uma etiqueta. Em verdade, porém, sua liberdade de criação do gosto era restringida pelas preferências estéticas do cliente; o que quer dizer que não era possível à sua legislação em matéria de aparência afastar-se completamente dos estilos dominantes da época. Com Yves Saint-Laurent posteriormente, a Alta Costura descerá às ruas para retirar delas os novos modelos de cada estação; acentuando o processo de democratização da moda.

assistimos à personalização dos gostos e à liberdade combinatória das escolhas subjetivas.<sup>9</sup>

E aqui encontramos o ponto chave que permitirá a moda moderna generalizar a produção burocrática orquestrada por criadores profissionais em uma lógica industrial serial com fins publicitários; bem como a justificativa empírica para a adoção da postura do autor defensora dos valores democráticos na cultura narcísica de entretenimento de massas. A forma moda antecipa com a Alta Costura seu porvir na medida em que os modelos de coleções fornecidos por costureiros jamais se ofereceram num tipo único. Tratando de influenciar por meio da publicidade um todo coletivo, são os átomos individuais deixados livres para escapar à sua ação. Conjugada à força tranquila da publicidade, a forma moda rompe com a lógica “panóptico-totalitária” integrando em seu movimento de mudança constante a livre disponibilidade das pessoas e o aleatório dos movimentos subjetivos. Pelo ângulo da cultura hedonista que ela dissemina, a publicidade dever ser vista como agente da individualização dos seres, que acelera a busca desenfreada da personalidade e autonomia dos particulares, e não como um aparelho de manipulação

---

<sup>9</sup> Foucault foi sem sombra de dúvidas o pensador que mais insistiu no fracasso da modernidade em prometer a autonomia das Luzes, tendo-se por consequência a alienação total do mundo humano. Analisando o aspecto corrompido da modernidade e de seus inúmeros dispositivos de injunção de comportamento que são as disciplinas – conjuntos de regras e técnicas que tem por razão produzir uma conduta normatizada e padronizada com o fito de domesticar os indivíduos otimizando suas faculdades produtivas – Foucault fez delas o princípio de inteligibilidade do real. Para Lipovetsky, contudo, a modernidade não seria redutível ao esquema disciplinar se encarada pelo domínio da moda; neste é a lógica da sedução, da diferenciação marginal e da renovação acelerada que dilui a identidade dos modos de vida e impõe a normatividade pela escolha, pela espetacularidade e afirmação dos homens sobre a aparência, ampliando-se a esfera da autonomia subjetiva. Em contexto pós-disciplinar, os indivíduos teriam a opção de assumir a responsabilidade ou não de seus destinos.

abolidor da prática da razão. A escalada do frívolo prossegue a conquista multissecular da autonomia dos indivíduos em que a sedução, *a contrario sensu*, opera subordinando a razão. Observa-se agora na segunda fase da moda moderna a revolução democrática do *prêt-à-porter* que se desliga da imitação das formas inovadoras da Alta Costura e concebe roupas com *look* jovem voltado à audácia, ao espírito livre, sem apelos à ideia de perfeição de classe. Com a origem do *sportwear*, o vestuário industrial alcança a era da criação estética e da personalização eclipsando o imperativo do vestuário dispendioso. A democratização das paixões transforma a moda em uma exigência de massa. Torna-se cada vez menos verdadeiro que adquirimos objetos por obtenção de *status* social. Daí o abandono completo das análises sociológicas do fenômeno moda em sua *démarche*.

Se durante a época da Alta Costura era ridículo estar fora de moda, hoje assistimos ao chique consistir não mais na adoção da última moda, mas na independência em relação a estereótipos e no *look* personalizado. A dissolução das classes sociais pavimentou o terreno para a emergência do pluralismo de estilos de vida que, por sua vez, contribuiu em espiral para incrementar a dissolução das classes como resultado da crescente diferenciação marginal. Sacralizando a temporalidade instantânea da mudança, todas as formas e estilos ganham sua legitimidade: o descuidado, o tosco, o rasgado, a cara limpa, a roupa suja, são incorporadas ao mundo da moda. Em sua órbita personalizada, a moda perde a substância; sem mais apostas nem desafios futuros a sociedade narcísica coincide com a desunificação do mundo da aparência, através do culto lúdico do passado em que o *retrô* se redescobre conforme as regras do presente. O que é valorizado é mais o desvio, a personalidade criativa de sua aparência e imagem surpreendente do que a perfeição vertical do modelo: novo culto estético do Eu alérgico aos imperativos padronizados e às regras homogêneas. A corrida para adiante

foi substituída por uma redescoberta dos fundamentos de outrora lidos agora pela ótica sempre anacrônica do presente, pelo desenvolvimento interior do Eu. A moda se identifica com o sério e o funcional parodiando de forma descontraída suas referências e a solenidade das boas maneiras. Assim fazendo, ela acolhe, exuma e devora tudo em seu movimento de mudança perpétua, descontraindo as estruturas rígidas e as injunções coercitivas num vasto dispositivo polimorfo que se faz acompanhar do culto ao espontâneo e à juventude. Dessa feita, para além das manifestações de uniformização social, a roupa de moda enquanto mercadoria não constituiria obstáculo à realização do potencial democrático; trabalhando num tempo mais longo e invisível para o avanço subterrâneo das massas em direção às Luzes.

### **3.0 À Guisa de Conclusão**

“... Hey mãe! Eu já não esquento a cabeça. Durante muito tempo isso era só o que eu podia fazer.

Mas, hey mãe! Por mais que a gente cresça. Há sempre alguma coisa que a gente não consegue entender... Nessa terra de gigantes.” (Humberto Gessinger em *Terra de Gigantes*)

À medida que a pressão conformista social se torna cada vez menos pesada, a moda se pacifica em relação ao individualismo febril dos séculos anteriores, nos quais a busca de diferenciação social, fonte de rivalidade e inveja, ainda ligava os homens num laço social de concorrência e emulação. A originalidade histórica do novo tipo de regulação social à base do efêmero e do impulso das necessidades consistiu em dar início a um processo que amorteceu o valor corporativo dos objetos em prol do valor de gozo estritamente individual.

O movimento de pacificação da moda por meio de um *inconspicuous consumption* faz parte da tolerância crescente dos costumes em que uma alergia profunda em relação à violência e à crueldade são signos do desembrutecimento do ser humano e do esclarecimento das massas. Na contramão dos críticos ao estigma do império do frívolo e da obsolescência, que sempre colocaram a cultura *mass-midiática* como responsável pelo atrofiamento do gosto e da sociabilidade, Lipovetsky não enxerga na aceleração das mensagens publicitárias o declínio do espaço de questionamento público e das diferenças de perspectiva. À luz do esquema da luta de classes e da dominação simbólica do capitalismo, diversos autores como Débord, Adorno, Marcuse, Baudrillard denunciaram o condicionamento da existência e a racionalização da dominação burocrática que se escondia por trás da extensão da mídia publicitária, braço da Alta Costura. Não obstante, para Lipovetsky, se a cultura de massas foi incorporada ao tempo imediato de renovação acelerada que governava a moda, desprendendo os indivíduos das normas históricas e enquadramentos culturais, ela teve a função de reorientar as atitudes dos indivíduos difundindo um pluralismo de padrões de vida que reproduz de outra maneira intercâmbios de laço social. Enquanto uma tradição de comportamento é legada, um estilo de vida é escolhido atribuindo aos indivíduos a tarefa de construir suas identidades usando os meios a seu dispor. A pluralidade no campo da moda seria produto da quantidade diária de informações e desinformações estimulantes; fazendo dela um guia para a vida e emancipação cultural, preparando os homens para se aprimorarem e viverem num mundo em que tudo está em constante obsolescência.

É falso considerar a mídia como aparelhos de manipulação com fim de consenso social; a sedução da informação é também um instrumento da razão individual. Devemos compreender que o desenvolvimento do raciocínio individual passa cada vez menos pela discussão entre os indivíduos e

cada vez mais pelo consumo e pelas vias sedutoras da informação. Ainda que houvesse declínio das formas de discussão em sociedade, seria ilegítimo inferir daí o desaparecimento do espírito crítico. A sedução não é o que abole a prática da razão, é o que a amplia e a universaliza, modificando seu exercício.<sup>10</sup>

Com efeito, é uma nova gramática caracterizada pela facilidade de acesso que se estabelece, quando o reino da informação e do consumo governados pelo ritmo da moda intermedeia a relação entre os indivíduos. Pois diferentemente das obras elevadas do espírito que continuam a comover a imaginação dos homens, a cultura de massas cria objetos estritamente frívolos condenando a relação inter-humana à mesma efemeridade feita para não durar. Enquanto nossa atual sociedade necessita de entretenimento e os produtos oferecidos por sua indústria de diversões são consumidos como quaisquer outros bens de consumo, fica em aberto a questão de como nos relacionamos hoje com objetos anteriormente feitos para permanecer no mundo. Com sua atenção voltada para a própria reciclagem, a temporalidade cíclica da moda rejeita anacronicamente um diálogo com seu próprio passado tal como este realmente sentira a necessidade de produzir suas obras artísticas. Sem mais necessitarmos treinar nossa imaginação para sair em visita de outrora, é a tarefa de viver segundo a lógica do tempo remoto e de “calçar os sapatos do morto”, na preciosa afirmação de Evaldo Cabral, que cede passo ao acordo com as exigências presenteístas de nosso tempo e de nossos efêmeros valores. Conforme a mesma lógica, ao se entender cultura por aquilo que escapa ao desgaste do tempo criando obras duráveis como um mundo terrestre habitável, a cultura de massas não mereceria o nome de cultura; incapaz de criar objetos que resistam à prova do tempo e à necessidade vital de consumir e condenar à ruína tudo que toca. Desta feita. *panis et circensis*, na fórmula do

---

<sup>10</sup> (Lipovetsky, G. *O Império do Efêmero* p.275)

poeta Juvenal, sempre pertenceriam à mesma categoria e os padrões pelos quais eram julgados foram os mesmos da moda: a novidade e o ineditismo. Ao passo que a relação entre os homens é cada vez mais mediada pela renovação de *gadgets* e de mídias estéticas, é de se perguntar se os objetos artísticos do passado e do presente ainda guardam alguma conexão significativa com o real; quando utilizados seja por finalidades de autoaprimoramento ou simples necessidade de entretenimento. À guisa de conclusão para este artigo, devemos constatar empiricamente que os bens culturais ofertados pela *mass-mídia* são acompanhados de uma retórica da simplicidade hábil em solicitar o menor esforço possível de imaginação por parte do público que em seu imediatismo os consome. Se, por sua vez, o consumo hoje está menos relacionado à identidade de classe que à identidade pessoal, por que o foco deste no presente não seria capaz de solapar justamente os fundamentos da *paideia* humana ao obedecer à lógica da renovação acelerada, obliterando muitas de nossas faculdades críticas? Daí o opróbrio de inúmeros autores ao consumo de símbolos identitários fornecidos pela cultura de massas, quando se trata justamente da formação de uma identidade tão transitória quanto o tempo destinado ao consumo desses símbolos. Um pensador da Escola de Frankfurt como Adorno, para citar como exemplo antinômico à genealogia de Lipovetsky, formula questionamento análogo ao ligar sua interpretação ao esquematismo kantiano:

O formalismo kantiano ainda esperava uma contribuição do indivíduo, que supostamente relacionava as diferentes experiências dos sentidos com conceitos fundamentais; a indústria priva o indivíduo dessa função. O principal serviço que presta ao consumidor é fazer essa esquematização por ele. [...] Nada resta para o consumidor classificar. Os produtos o fizeram por ele.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Max Horkheimer e Theodor Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, Londres, 1973, p. 125-5 *apud* Svendsen, L. *Moda . uma filosofia* p.146)



De acordo com a essa interpretação, o gosto exclusivo pelas novidades mostraria a degeneração da faculdade crítica quando a indústria da moda teria poupado aos indivíduos a tarefa conceitual de criação de si e a escolha estética de um estilo de vida. Não obstante, para Lipovetsky permanecer nesse nível distante e especulativo de análise, em defesa da autonomia pessoal, seria análogo à tentativa artística de um Baudelaire: extrair do transitório o absoluto em matéria de gosto; tarefa que nem mesmo o próprio Kant fora capaz de esgotar. Se, para seus opositores, crer que nossa sociedade haverá de se tornar mais ilustrada e culta com o correr do tempo constituiria um fatal engano, haja vista uma sociedade de consumo não saber como cuidar de um mundo cujas coisas pertençam exclusivamente ao espaço das aparências; no longo prazo o reino mimético da moda tornaria, ainda assim, possível, em termos sociais, a expansão da autonomia dos homens. A astúcia da desrazão da moda conseguiria, a contrário senso, impedir aquilo que nenhum objeto da Alta Cultura – obra de elevação do espírito humano diante dos sentidos e dos tempos – jamais logrou impedir: o “Pior”; ou seja, o advento da organização totalitária. O que nos força a concluir que sua arqueologia do hedonismo moderno termine por mostrar que “no filme acelerado da História moderna, dentre todos os roteiros, o da Moda é o menos pior.” Alicerçando seu argumento numa emulação com o pensamento de Tocqueville, ele conclui:

A marcha do governo de si mesmo na história não se efetua pela estrada real do esforço especulativo individual, mas por um conjunto de fenômenos culturais e sociais aparentemente contrários às Luzes. ‘Tem a coragem de servir-te de teu próprio entendimento. Eis aí a divisa das Luzes’: a moda consumada é esse momento que permite a massas muito vastas fazer uso de sua própria razão, e isso porque a ordem imemorial da tradição explodiu e os sistemas terroristas do sentido já não têm o domínio sobre os espíritos. Sofrem-se influências em grande número; mais nenhuma, porém, [...] abole a capacidade de voltar-se para si. O espírito crítico se propaga nos e pelos mimetismos de

moda [...] – tal é o maior paradoxo da dinâmica das Luzes, a autonomia é inseparável dos dispositivos de heteronomia. [...] A desrazão de moda contribui para a edificação da razão individual, a moda tem razões que a razão desconhece.<sup>12</sup>

## Referências

BRITO, Wallace da Costa. Os Conceitos de Pós-modernidade e Hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. *Perspectivas em Psicologia*. Volume 19, N. 2, pp. 155 – 182, Jul/Dez, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/artic/e/view/32500>. Acesso em: 27/04/2016.

CRUZ, Daniel Nery da. *Lipovetsky e a hipermodernidade: dilemas e perspectivas para a moderna noção de sujeito e a ética*. 2013. 92 f. Tese (Mestrado em Filosofia), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (Rio Grande do Sul)– UNISINOS, 2013.

\_\_\_\_\_. A Sociedade do Hiperconsumo: uma leitura sobre o individualismo contemporâneo na visão de Gilles Lipovetsky. *Revistas Filosofia Capital* – Vol. 08, n. 15, p. 26 – 40, jan. 2013. Disponível em: <http://www.filosofiacapital.org/ojs2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/240>. Acesso em: 30/05/2016.

\_\_\_\_\_. A Discussão Filosófica da Modernidade e da Pós-modernidade. *Revista eletrônica Μετάvoia* – n. 12, p. 19 – 37, 2010. Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/3\\_DANIEL\\_NERY\\_DA\\_CRUZ.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/3_DANIEL_NERY_DA_CRUZ.pdf). Acesso em 30/05/2016.

\_\_\_\_\_. Algumas Características da Pós-modernidade na concepção de Gilles Lipovetsky. *Revista Intuitio* – vol. 6, n. 1, p. 79 – 95, jun. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewFile/13133/9381>. Acesso em: 30/05/2016.

---

<sup>12</sup> (Lipovetsky, G. *O Império do Efêmero* p.308-9).

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LEÃO, Igor Zannoni Constant Carneiro. *Reflexões sobre O Império do Efêmero de Gilles Lipovetsky*. *Economia & Tecnologia* - Ano 07, Vol. 25 - Abril/Junho de 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/ret/article/view/26826>. Acesso em: 12/03/2016.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *Sedução, Publicidade e Pós-Modernidade*. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 1, nº 12, 7 – 13, jun. 2000. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3062>. Acesso em: 12/03/2016.

SILVA, Juremir Machado da. *Apresentação, Vazio e comunicação na era “pós-tudo”*. In: LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Manole, 2005, pg. IX – XIV.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

TOCQUEVILLE, Alexis. *De La démocratie em Amérique*, Paris, Gallimard, t.II, p. 288.

**(Submissão: 12/04/24. Aceite: 27/11/24)**